

# Comigo (Versos Dum Solitário)

Manuel Laranjeira



# AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

---

A poesia em formato digital terá o mesmo  
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da  
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,  
agora, dar o passo para além dos limites do  
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e  
construir o seu livro. Também ele cúmplice  
desta batalha pela poesia que não pode ter  
fronteiras, nem barreiras.

*Elefante Editores*

## Breve Introdução

---

Quando, às 23 horas de 22 de Fevereiro de 1912, um tiro prostrou definitivamente o poeta Manuel Laranjeira, não se poderia dizer, em verdade, que nada faria prever aquele desenlace. Com efeito, a publicação, no início daquele mês, do volume de poesia COMIGO era um sinal iniludível da voluntariedade daquela morte. Era, no dizer de Bernard Martocq, na sua tese sobre o escritor, "uma garrafa lançada ao mar antes do naufrágio final".

Acometido de forma devastadora pela sífilis, pela tabe e pela tísica, pesava-lhe duplamente a impotência do homem e do médico, ao ponto de ter escrito, já sete anos antes, em carta a João de Barros e glosando Henrik Ibsen: "sou o mais miserável dos meus doentes". Ao amigo Amadeu de Sousa Cardoso diria também, um ano mais tarde: "o que surdamente me enfurece é, como médico, saber qual é o mal que corrói e não poder dar-lhe remédio".

Ao assédio do tricéfalo monstro acrescia "este desolamento de morte, este desânimo, este cansaço prematuro - em face dos homens, das coisas e da vida", (carta a Amadeu - Novembro de 1905), enfermidade que, segundo ele, "em linguagem vulgar se chama não poder talhar a vida ao nosso ideal". Apesar disso, nesse ano de 1905, colocando a hipótese do suicídio como "a última das soluções", diz dar ainda um sentido à vida e achar-se com razão para viver.

Ao ler, porém, o Diário Íntimo, assiste-se a um crescente processo de degradação.

"Infinita tristeza", "tédio infinito", "aborrecimento de morte", "vontade de morrer" são expressões cada vez mais recorrentes. Em Julho de 1910, fica a promessa: "Isto há-de acabar mal decididamente".

A fé apodrece-se-lhe: "Há quem nasça para ter fé, só fé, e quem nasça para duvidar... Eu, por exemplo..." Além disso, "a fé não se recupera". Rasga cartas de amigos, liberta-se deles impiedosamente e a solidão e o silêncio emprestam-lhe uma couraça: "Sinto-me mais forte, mais só e mais forte. Na alma alvoreja-me uma esperança de que poderei um dia libertar-me de todos os homens e ficar só comigo".

Curiosamente, COMIGO será o título de um conjunto de poemas que irá publicar poucos dias antes do suicídio. A colectânea subintitulou-a Versos dum Solitário e apôs-lhe a epígrafe que tudo parece explicar: "Quando os outros te não entenderem, fala contigo mesmo".

COMIGO é simultaneamente o título do longo poema (145 estrofes) que abre a recolha e cuja génese é explicada pelo autor em carta a António Carneiro, datada de 6 de Dezembro de 1909:

"O que eu queria sobretudo enviar-lhe era o começo dum poema (poema sem fim, que será o longo monólogo do meu drama interior) escrito em tercetos, rimados à maneira dantesca; (...) Esse poema é para mim (como direi?) - o meu Livro de Horas de desesperação e tédio. É um diálogo comigo mesmo, e, como vê esses diálogos só terminam quando morremos: melhor - é o monólogo do meu drama interior." E o drama iria culminar com o fatal disparo daquela noite de Fevereiro, dois

anos e alguns meses depois, na residência do poeta, em Espinho à Rua Bandeira Coelho (actual Rua 19). Não terá sido uma atitude muito original para um pensador tão marcante e com uma tão forte e independente personalidade: afinal, ao antecipar a morte, imitou Camilo, Antero, Soares dos Reis, Trindade Coelho e muitos outros.

É que, se COMIGO é o poema da fé perdida, Manuel Laranjeira ficara ainda com uma fé: "Em Portugal, a única crença ainda digna de respeito é a crença na morte libertadora."

E a coerência é valor que sobreleva a originalidade. Ele foi, afinal, coerente com esse poema-testamento onde exarou a solução escolhida: "O remédio é naufragar". Ele foi, afinal, coerente com um princípio que definira três anos e meio antes: "o suicídio é um recurso nobre, é uma espécie de redenção moral. Neste malfadado país, tudo o que é nobre suicida-se; tudo o que é canalha triunfa."

O que surpreende, pois, não é o seu percurso suicidário. É muito mais que um pensador e intelectual tão coerente, lúcido, pungente, rigoroso e sui generis continue ainda praticamente esquecido.

A actual reedição de "Comigo" tem por objectivo contrariar este esquecimento. Fazê-lo aqui e em duas etapas (o volume II sairá exactamente no próximo aniversário da sua morte) é repetir o ensejo de lembrar e perpetuar esta figura ímpar da cultura portuguesa, tão estreitamente ligada à cidade de Espinho.

Antero Monteiro  
Espinho, 10 de Outubro de 1997

## Comigo

---

(diálogo com a minha alma)

Pobre alma desiludida,  
teu mal é não esquecer  
que tudo falha na vida...

Mas ouve, alma: pra viver  
e ser feliz é preciso  
fitar a mentira e crer,

como alguém que sem juízo  
olha pra a terra e a vê  
convertida em paraíso...

Um coração que não crê  
na mentira cegamente,  
coração feliz não é.

Se se desfaz de repente,  
como fumo, uma ilusão  
que nos encanta... e nos mente;

e, se estendemos em vão  
o braço com ansiedade,  
para a colhermos na mão:

e que vemos, na verdade,  
que, destruindo a mentira,  
se mata a felicidade,

e que somente existira  
no desejo - essa ventura,  
...e a verdade a destruía.

Quem a verdade procura,  
busca a sua perdição,

---



busca a sua desventura.

Só se vive de ilusão:  
a verdade é venenosa,  
envenena o coração.

A alma humana, desejosa  
de verdade, sem prever  
quanto a verdade é danosa,

teve febre de saber:  
julgou a verdade boa  
como o ar para viver,

-e a verdade envenenou-a...

E desde então, alma triste,  
vai-se esvaindo, hora a hora,  
a ilusão de quanto existe;

vai morrendo quanto fora  
ou mentira benfazeja  
ou ilusão redentora...

Quantas vezes se deseja  
mesmo a ventura enganosa  
duma só hora que seja!

Como pra a sede ansiosa  
duma boca enfebrecida  
toda a água é saborosa,

assim, pra a sede insofrida,  
que nós temos, de viver  
numa hora toda a vida,

uma mentira qualquer  
pode enganá-la um instante  
e fazê-la adormecer

na ilusão reconfortante  
de ter sido saciada...  
Mas, se a sede é devorante,

renasce mais abrasada:  
sede de febre é mais viva  
depois de ser enganada...

Passa a hora fugitiva  
de felicidade incerta  
e mentira compassiva,

e o espírito desperta  
inda mais envenenado:  
busca na terra deserta

(como um jardim encantado  
que um génio mau transformara  
num jardim abandonado)

a fonte... que já secara;  
e tenta volver a fé,  
como a um lar que abandonara...

Mas, então, sente que até  
a própria fé o envenena,  
e o seu lar já não é

o mesmo lar, nem lhe acena  
como um refúgio de paz...  
Não, alma, não vale a pena

tentar-se volver atrás...  
Nunca busques a ventura,  
aonde quer que tu vás!

Busca a verdade! Procura  
voar bem alto e pairar

acima da vida impura,  
sem a ver, sem a fitar!  
Sê como um deus que entristece  
vendo a sua Obra falhar...

e, cansado, se aborrece  
de ouvir tanta boca aflita  
blasfemar a mesma prece

de miséria e de desdita...  
Se como um condor que passa  
sobre a terra e nem a fita!

Se a cruz negra da desgraça  
te pudera inda iludir  
(como a um santo que se abraça

à sua dor, a sorrir  
num doce contentamento  
até vencê-la e fruir

o prazer do sofrimento),  
era um refúgio talvez...  
Mas não pode (louco intento!):

o santo crê, tu não crês...

Cheia de tédio e pesar,  
responde minh'alma triste:  
- ... O remédio é naufragar!

Perdida a fé que consiste  
em deixar-se adormecer  
na ilusão de quanto existe,

o desejo de viver  
já não tem asas; e a vida  
dá vontade de morrer,

por não poder ser vivida  
como o desejo a sonhava...  
Sinto-me exausta, vencida:

quanto da vida esperava,  
ou pedia à vida má,  
sempre a vida mo negava!

E, se a vida nunca dá  
quanto o desejo lhe pede,  
-pra quê viver? não será

bem melhor morrer à sede?"  
Alma cobarde, alma cega  
de não crer - quem nos impede  
(só porque a vida nos nega

quanto o desejo lhe pede)  
de prosseguir mais além?  
Deixar-se morrer à sede,

só o faz quem já não tem  
mais fontes para buscar...  
Oh alma, tu sabes bem:

a loucura é desejar  
e pedir a vida injusta  
o que ela não pode dar...

Se é a vida que te assusta  
desse modo, alma suicida,  
desprende-te!... Que te custa

ser livre, sem ver a vida,  
nem a terra podre? Goza  
de ver-te incompreendida,

de ver-te só! e, orgulhosa,



vive em ti, alma impotente!  
Se a ventura é duvidosa,

e se a vida é triste e mente,  
porque a miséria a invade,  
tu, minh'alma, sê contente,

sobe e vai! Pela verdade,  
renunciaste a fruir  
a paz da felicidade!

Foi-se a paz... Deixá-la ir!  
A paz é uma mentira  
que te não pode iludir!

Se é pela paz que suspira  
quem se cansa de lidar,  
há outra paz que respira

quem passa a vida a lutar.  
Há outra paz..., mais sagrada  
do que a paz do nosso lar!

- paz de quem vai de jornada  
para a verdade, paz santa!  
paz de luta, abençoada!

Como sobe a voz que canta,  
presa nas asas do vento,  
oh alma, vai! Alevanta  
pra a verdade o pensamento!  
- como essa águia ambiciosa  
que sente um deslumbramento

da luz do sol, e, ansiosa,  
pra o sol as asas conduz,  
e vai e sobe, orgulhosa,

'té cair ébria de luz!



E a minh'alma suspira  
e volve o olhar, desvairada,  
pra a terra donde partira

e donde anda desterrada,  
sem forças para voltar  
ou prosseguir na jornada...

E diz-me: - "Pra quê tentar  
voos de águia quem não tinha  
asas de águia pra voar?"

Seria cegueira minha  
tentar as asas abrir  
sem a fé que mas sustinha...

E, se é forçoso cair,  
de mais alto me despenho,  
quanto mais alto subir...

Fé na vida não a tenho.  
Viver sem fé e viver  
a morte... - e eu já morta venho.

Bem sabes... crer ou não crer  
- eis o dilema, o segredo  
de viver ou de morrer.

Vida de luta é um credo  
rezado em actos; e a vida,  
sem a fé, é um degredo...

Crer - é a arma de quem lida,  
e o segredo que a alma tem  
para nunca ser vencida.

Não crer: - querer ter a alguém  
amor... sem poder amar;



ir só pela vida além,  
  
como uma tábua no mar,  
entre uma vaga e outra vaga,  
... aonde a vaga a levar;  
  
olhar pra quem nos afaga  
(como se olha pra quem mente)  
- com vista turva e pressaga;  
  
repelir quem cegamente  
nos beija a fronte pendida,  
ou estende a mão clemente  
  
para nós, compadecida;  
e, embora a vida nos ria,  
amaldiçoar a vida,  
  
hora a hora, dia a dia,  
por a não poder viver  
como o desejo a pedia;  
  
deixar os braços pender;  
ser vencida e destroçada  
inda antes de combater...  
  
Ao começar a jornada,  
tinha a fé da mocidade,  
que me trazia enganada!  
  
Corri atrás da verdade,  
crendo que ela me daria  
na terra a felicidade...  
  
Pobre de mim! que corria  
sempre atrás duma ilusão  
que, como as outras,... mentia.  
  
Oh desejo cego e vão!



até a verdade mente,  
quando a busca o coração.

Cheia de fé (como um crente  
que, sendo a jornada rude,  
vai caminhando contente),

voei, subi, quanto pude!  
voei, subi, como insana!  
Oh! como a verdade ilude!

- ou como a fé nos engana!  
quanto mais alto subia,  
mais eu me sentia ufana...

Cega de mim! que não via  
a verdade venenosa  
matar-me a fé, dia a dia!

E, nesta hora dolorosa  
em que a vejo, já é tarde...  
Fito-me silenciosa,

gela-me um frio cobarde  
ao sentir que a fé antiga  
dentro de mim já não arde...

Não tenho fé que consiga  
suster-me as asas que estão  
quase mortas de fadiga...

E que pesadas que são  
as asas que já perderam  
a derradeira ilusão!

e as asas que já tiveram  
fé na vida e que, ao perdê-la,  
na mesma hora morreram!



Reaver a fé? aquela  
cega fé da minha infância?  
Em vão! já não posso tê-la...

Tive asas de águia, com ânsia  
de ar, de espaço, de voar,  
e de ir além da distância

que se abrange com o olhar,  
quando tinham fé na vida  
e a fé mas pôde levar...

Mas a ambição insofrida  
de ir mais além - me perdeu:  
pela ambição impelida,

tentei escalar o céu,  
e tal céu não existia...  
Havia-o criado eu

nesta louca fantasia,  
em horas de aspiração...  
Crendo, porém, que subia,

despenhava-me. Homem vão,  
tentei ser Deus,... e Deus era  
a minha própria ambição!

Deus, o Deus que eu pretendia  
destronar, nunca existira:  
era uma louca quimera,

uma orgulhosa mentira,  
que o homem criara, ufano,  
na mesma hora em que sentira

o desejo monstro, insano,  
de prender todo o universo  
na mão do destino humano.



Como se um génio perverso  
me impelisse pra a desdita,  
ou malfadasse no berço,

herdei a ambição que incita  
a ser Deus, ou sucumbir  
nessa jornada infinita...

Pobre ambição! Que é subir?  
é ser Deus (que não existe)?  
O destino era cair,

se nessa loucura triste  
de aguardar Deus (ou de o ser)  
todo o destino consiste!

Ir mais além é colher  
toda a verdade da vida?  
Mas nesta ânsia de saber

é que eu fui desiludida:  
conquistava uma verdade  
...e era uma ilusão perdida!

As asas da mocidade  
sinto-as já como velas  
rotas pela tempestade...

Sem fé, não posso sustê-las,  
e a fé não se recupera...  
De que me serve, pois, tê-las,

se são asas de quimera?  
Com a última ilusão  
morreu a fé que as erguera...

Ter asas com ambição  
de ir mais além, afinal,



e agitá-las em vão...

Ir mais além de que vale,  
se é infinita a jornada  
e a Alma vã é mortal?

Vamos indo pela estrada  
desta vida mentirosa  
para essa terra sonhada

pela mente ambiciosa;  
e, a cada passo que damos  
pra a verdade venenosa,

reconhecemos que estamos  
mais longe de conseguir  
aquilo que desejamos...

É inútil prosseguir,  
como os loucos de heroísmo:  
ir mais além é cair

de um abismo em outro abismo...

Eis-me enfim desenganada!  
- minha ambição de infinito,  
nunca a verei saciada!

Se no Destino medito,  
vejo o Homem condenado  
a extinguir-se como um grito

sem eco; e, desesperado  
de vencer Deus ou de o ser,  
sucumbir extenuado,

sem chegar aonde quer...  
E os castelos que ele faça,  
hão-de sumir-se e esquecer,



- como se extingue a luz baça  
da sombra que projectou  
aquela nuvem que passa,

e, passando, não deixou  
atrás de si, sobre a terra,  
vestígios de que passou...

Eis a verdade: descerra  
os olhos loucos pra a ver  
e os desenganos que encerra!

Toda a verdade - e morrer!  
Pra não se ir além da vida,  
não vale a pena viver.

É um gesto de suicida  
ir para a luta, descrendo:  
sem fé em si, ninguém lida:

quem crê em si, combatendo,  
certo de ser derrotado,  
busca um triunfo, morrendo!

busca morrer abraçado  
ainda ao seu ideal!  
busca morrer saciado

duma ilusão que lhe cale  
toda a sede, - como o crente  
morre pra ser imortal!

Mas quem luta ingloriamente,  
sabendo não ir além  
da morte? Pra o combatente,

a glória de morrer bem  
é uma dor saborosa,



é uma crença também!

Quem luta, crê; se crê, goza.  
Gozei enquanto subia  
pra a luz, com fé, ansiosa...

Mas quanto mais estendia,  
ávida, as mãos pra a ventura,  
mais longe de mim a via...

Como um louco que procura  
colher na mão as estrelas  
que lhe sorriem na altura,

- assim fiz eu, só de vê-las,  
cuidando que não mentiam  
àqueles que crêem nelas...

Mas as estrelas sorriam...,  
e, nesse sorriso triste,  
parece até que exprimiam

- a ilusão de quanto existe...

Eis porque sou desgraçada  
- porque não posso iludir-me,  
nem posso ser enganada:

se vejo a vida sorrir-me,  
sei que me está a enganar;  
e, nem que eu tente mentir-me,

não posso crer, nem amar...  
Esperar pra quê, sabendo  
que é inútil esperar?

Nada espero. Vou vivendo  
esta morte cada dia;  
e até na morte descrendo



vou também: não renuncia  
quem inda a ama, ou a tema;  
mas quem não crê, nem confia,

não ergue as mãos, nem blasfema...  
Descrer da vida e vivê-la  
- eis a renúncia suprema.

E, se a vida é bela  
como o desejo a sonhou,  
há um remédio - esquecê-la!

Vou vivendo a morte,... vou  
como aquela folha verde  
que a ventania arrastou,

- vai sem destino e se perde..."

E a minh'alma vai dizendo:  
"... E só o silêncio é bom...  
Nele se vão dissolvendo,

como num mar, a Paixão  
e o tédio de ter vivido  
e as mágoas do coração...

Se te sentires vencido,  
busca o silêncio: é a paz  
pra a mágoa de ter falido,

Medita bem e verás  
que quanto existe no mundo  
em silêncio se desfaz...

É nesse abismo profundo  
que se dilui todo o ser...  
Basta de palavras: fundo



foi o desgosto de as crer...  
Louco amigo, não me iludas!  
deixa-me estar e esquecer

" em paz como as coisas mudas..."

O iludido era eu,  
alma, e ia-te enganando...  
Se a verdade te não deu

a paz que andavas buscando,  
dê-ta o silêncio, alma triste!  
... e vá a vida rolando

- na ilusão de quanto existe.

# ÍNDICE

|                       |   |
|-----------------------|---|
| Breve introdução..... | 3 |
| Comigo.....           | 6 |

Colecção

# digit@lmente

*Título:* **COMIGO (VERSOS DUM SOLITÁRIO)**

*Autor:* **MANUEL LARANJEIRA**

*Edição em Formato Livro:* **Outubro de 1997**

*Edição em Formato Digital:* **Junho de 2020**

Em 2020, a Coleção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**  
para esta edição digital

*Contacto:*

**elefante@elefante-editores.net**



Ideias e Paixões que vamos descobrindo  
em cada livro e em cada palavra

**[www.elefante-editores.co.pt](http://www.elefante-editores.co.pt)**

Editores de Poesia desde 1997